

A *História da literatura brasileira*, de Silvio Romero: breves olhares sobre o método etnográfico

Ariane de Andrade da Silva (UERJ/CAPES)ⁱ

RESUMO

Este artigo volta-se à *História da literatura brasileira* (1888) na tentativa de analisar brevemente o método etnográfico empregado por Silvio Romero. Na viragem do século XIX para o século XX, a *História da literatura* de Romero apresenta uma abordagem de fatos literários e culturais, numa leitura de seu tempo e dos progressos que levariam ao adensamento e à formação da literatura brasileira. Nesse sentido, nosso objetivo é discutir o lugar da nacionalidade brasileira no projeto historiográfico de Silvio Romero. Além disso, interessa-nos destacar como, em sua *História da literatura brasileira*, o autor sublinha a importância do desenvolvimento de uma autonomia literária nacional. Propomo-nos, ainda, a refletir sobre a leitura de Romero sobre o Romantismo brasileiro. Como aporte teórico, destacam-se, entre outros, Abdala Junior (2008), Alfredo Bosi (2002) e Clifford Geertz (1978).

Palavras-chave: Silvio Romero; *História da literatura brasileira*; método etnográfico.

ABSTRACT

This article focuses on *History of Brazilian Literature* (1888), in an attempt to briefly analyze the ethnographic method developed by Silvio Romero. At the turn of the 19th to the 20th century, Romero's *History of Literature* presents an approach to literary and cultural facts, in reading his time and the progress that would lead to the densification and formation of Brazilian Literature. Our objective is to discuss the place of Brazilian nationality in that historiography. Furthermore, we are interested in highlighting how, in *History of Brazilian Literature*, Romero emphasizes the importance of the development of a Brazilian literary autonomy. We also propose to consider on Romero's interpretation of Brazilian Romanticism. As a theoretical contribution, we highlight, among others, Abdala Junior (2008), Alfredo Bosi (2002) and Clifford Geertz (1978).

Keywords: Silvio Romero; *History of Brazilian Literature*; ethnographic method.

ⁱ Doutoranda em Estudos de Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/CAPES). Mestre em Literatura Portuguesa (UERJ/CNPq) e especialista em Literatura Brasileira (UERJ). E-mail: arianeandsilva@gmail.com

Uma literatura pacífica é uma literatura morta. As letras seguem a marcha da civilização, porque elas são um produto da cultura e não da natureza.

Silvio Romero

Se os cânones se modificam, também isso ocorre com os critérios de legitimação das obras literárias.

Benjamin Abdala Junior

Escrever uma historiografia literária é tornar-se um “intérprete do seu país”, valendo-me aqui da expressão de Abdala Junior (2008, p. 58). Lida e relida geração após geração, tal matéria escrita, atenta aos aspectos de um tempo, de uma cultura, de um espaço, é responsável por parte da formação intelectual da sociedade. É este o caso da *História da literatura brasileira*ⁱ, publicada em 1989, de Silvio Romero, nascido em Lagarto (Sergipe), em 1851. A publicação desse estudo, dividido em dois robustos tomos, posiciona Silvio Romero na tríadeⁱⁱ de historiadores da literatura no Brasil citados na Academia Brasileira de Letras (ABL). Sobre Silvio Romero, Alfredo Bosi (2002) afirma que foi:

Um crítico fundador, Silvio Romero, admirava mais o “brasileiro” Alencar do que Machado de Assis, cujo humor pessimista lhe parecia estranho à índole nacional. [...] O mesmo Silvio elogiava Tobias Barreto em detrimento de Castro Alves. [...] Bastariam esses exemplos para mostrar o caráter parcial e impertinente de uma historiografia literária cujos critérios de valor se fundavam em construções ideológicas como o nacionalismo e o evolucionismo. (BOSI, 2002, p. 13)

Toda organização de fôlego é resultado de recorte e parcialidade do olhar, fator do qual a *História* de Silvio Romero não é exceção. Existe, sem dúvidas, uma perspectiva hegemônica que determina o cânone, quem detém esse poder de determinação são os intelectuais. Um dos diferenciais da historiografia literária de Romero, a par de outras produções publicadas à época, consiste justamente na adoção de uma perspectiva diferente dos críticos seus anteriores, pois sua ideia de sistema literário, para Abdala Junior (2008), seria algo resultante da interação com diversos outros sistemas, ligando-se “às condições da circulação literária de cada momento histórico. Este seria determinante, colocando a literatura como um produto cultural, subordinando-a assim aos fatos

históricos e determinações de caráter político-social” (ABDALA JÚNIOR, 2008, p. 61-62).

Uma história da literatura é também reveladora do conceito de literatura. Silvio Romero adota, nesse sentido, a expressão “sistema literário” para significar seu entendimento de Literatura naquele momento e também para justificar suas escolhas de corpus e organização. Nas palavras de Romero (1902):

Cumprir declarar, [...] que a divisão proposta não se guia exclusivamente pelos fatos literários; porque para mim a expressão literatura tem a amplitude que lhe dão os críticos e historiadores alemães. Compreende todas as manifestações da inteligência de um povo: — política, economia, arte, criações populares, ciências... e não, como era de costume supor-se no Brasil, somente as intituladas belas-letas, que afinal cifravam-se quase exclusivamente na poesia! (ROMERO, 1902, p. 9, tomo I)

Silvio Romero detinha um entendimento *lato sensu* sobre o conceito de literatura, em outras palavras, sua *História da literatura brasileira* abarcava manifestações culturais diversas, construindo-se a partir da reunião de materiais da história, da cultura, da política, das artes brasileiras em geral, posto que “seu fito [era] encontrar as leis que presidiram e continuam a determinar a formação do gênio, do espírito, do caráter do povo brasileiro” (ROMERO, 1902, p. 6, tomo I). Nesse sentido, o que Silvio Romero entende por literatura previa a inter-relação desta com outros campos do saber:

A literatura é um campo do conhecimento e não se limita às belas letras – equívoco, aliás, que vem até a atualidade. Foi a ênfase na história e por servir-se da literatura para abarcar toda a história cultural do país, que Sílvio Romero coloca ao lado da literatura as manifestações culturais em livro, de caráter paraliterário, como os livros de memória de naturalistas, ou os de história do país. É exemplar o fato de consagrar tópicos de sua História aos economistas, juristas, publicistas, oradores, lingüistas, moralistas, biógrafos, teólogos etc. Não figuram esses autores apenas como entorno da situação cultural, mas como objeto de análise histórico-cultural, conjuntamente com textos literários. (ABDALA JUNIOR, 2008, p. 68)

Note-se que a ampliação do conceito de literatura funda-se, desde logo, no desejo de determinar a gênese da sociedade nacional. Para Romero, sem autonomia política e literária, os três primeiros séculos da literatura brasileira foram marcados por uma dupla imitação, primeiro de modelos estrangeiros, principalmente portugueses, e segundo, por modelos por estes últimos imitados. Para o intelectual, faltava nos brasileiros uma independência e individualidade política e intelectual, que não fosse apenas resultado de

um processo de aclimatação e transformação de moldes europeus. Nesse sentido, sua *História da literatura* apontava a urgência de que se alcançasse uma autonomia nacional de pensamento.

Já nos primeiros capítulos da *História*, Romero dá conta do que nomeia ser “o espírito geral deste livro”:

Empreendo, declaro-o de princípio, a história literária nacional com uma ideia ministrada por estudos anteriores. Pode ser um mal; mas é necessário; são precisos tentames destes para explicar o espetáculo da vida brasileira. [...] Tudo quanto há contribuído para a diferenciação nacional, deve ser estudado, e a medida do mérito dos escritores é este critério novo. Tanto mais um autor ou um político tenha trabalhado para a determinação de nosso caráter nacional, quanto maior é o seu merecimento. Quem tiver sido um mero imitador português, não teve ação, foi um tipo negativo. (ROMERO, 1902, p. 4, tomo I)

No excerto destacado, alguns termos-chave do campo semântico adotado por Romero são revelados. De imediato, é possível destacar seu projeto de construção de uma “história literária nacional”, isto é, como historiador literário, Romero estava interessado na investigação do caráter diferenciador das produções nacionais, características tais que corroborassem uma autonomia literária. Tal sistema literário envolveria condições como a existência de uma vida literária, de um público-leitor que ocasionasse a sua circulação, assim como de uma tradição que permitisse continuidade à divulgação de sua produção literária.

No Prólogo da 2ª edição da *História da literatura brasileira*, Romero afirma sua pretensão de “escrever um trabalho naturalista sobre a história da literatura brasileira. Munido do critério popular e étnico para explicar o nosso caráter nacional, não esquecerei o critério positivo e evolucionista da nova filosofia social” (ROMERO, 1902, p. 7-8, tomo I). Sem dúvidas, o autor buscou afastar seu sistema literário do materialismo e do espiritualismo. Para tanto, propôs-se a discutir a cultura brasileira a partir de sua historiografia literária, utilizando a mestiçagem cultural como critério de unidade nacional, como “o ideal de identidade brasileira” (ABDALA JUNIOR, 2008, p. 74). Nesse sentido, Romero “projeta no mestiço, traços psicossociais de altivez e independência que imaginava próprios do caráter nacional brasileiro” (ABDALA JUNIOR, 2008, p. 82).

De certo, a definição do que é ser brasileiro na *História da Literatura*, de Silvio Romero, dobra-se ao pensamento de uma época. Na construção de seu pensamento crítico, Romero evidencia seu apreço à ideia de superioridade racial e adoção ao branqueamento como forma de tornar a sociedade brasileira superior. Ainda que tais posições componham o campo intelectual de seu tempo, há a necessidade de abordar criticamente a visão de Romero. Assim o faz Abdala Junior (2008) ao afirmar que um “estudo sério do hibridismo étnico e cultural do Brasil não pode diminuir a grande importância desses povos [africanos, negros e indígenas, principalmente] com argumentos que são no fundo de um racismo mais ou menos evidente” (ABDALA JUNIOR, 2008, p. 58).

Essa noção de sistema literário como resultado da mestiçagem cultural é produto do método etnográfico empregado por Silvio Romero. O próprio autor afirma que o “critério etnográfico, introduzido por mim na crítica nacional desde 1869-70, é ainda hoje a meus olhos a base principal da compreensão das literaturas, nomeadamente a literatura de um povo misturado como o povo brasileiro” (ROMERO, 1903, p. 162, tomo II). Em sua origem, a palavra etnografia é conjugação do grego *ethnos*, que significa povo, e *graphein*, que significa escrita. Assim, a etnografia é uma metodologia de entendimento cultural a partir da descrição de comportamentos de grupos sociais, a escrita de um povo.

Nesse sentido, o método etnográfico empregado por Romero valeu-se de campos semânticos que o autor considerava serem fundadores da gênese do ser brasileiro ou, como ele também nomeou, da psicologia nacional (ROMERO, 1903, p. 125, tomo II). Tais campos conjugam, principalmente, significados como raça, miscigenação, mestiçagem, meio. De fato, almejava-se uma análise da cultura brasileira a partir daquilo que o crítico considerava seus elementos fundadores e constituintes diferenciais frente aos europeus. Já no Prólogo da 1ª edição, Silvio Romero anuncia que “as considerações etnográficas, a teoria do mestiçamento, já físico, já moral, servem de esteios gerais; o evolucionismo filosófico é a base fundamental” (ROMERO, 1902, p. 25-26, tomo I).

Como critério de seleção para composição de autorias a constar em sua historiografia literária, Romero afirma que seu interesse está voltado para “todo e qualquer estudo que contribua para o esclarecimento das populações nacionais, todo e qualquer esforço para fazer a luz sobre as origens, os costumes, a psicologia de nossas classes populares, deve ser bem recebido e encorajado” (ROMERO, 1903, p. 609, tomo

II). Por isso mesmo, como afirma Antonio Candido, “quando se fala em crítica romeriana, devemos compreendê-la como atividade de análise e sistematização da cultura, apresentada, nos seus melhores exemplares, sob o ponto de vista histórico” (CANDIDO, 2006, p. 109). Assim, Candido destaca a importância da contribuição de Romero para a historiografia literária.

Ao analisar criticamente a *História da literatura brasileira*, de Silvio Romero, o crítico Benjamin Abdala Junior aponta que “é assim, desatendo aos valores literários, valorizando a mestiçagem e a afirmação da nacionalidade no conjunto do campo intelectual que o crítico vai continuar seu discurso histórico” (ABDALA JUNIOR, 2008, p.70). Essa, fundamentalmente, é a base metodológica utilizada por Romero, um olhar sobre a cultura brasileira pautado na valorização à mestiçagem como elemento estruturante da nacionalidade brasileira.

Até este ponto, talvez seja possível estruturar o pensamento crítico de Romero da seguinte forma: 1) método etnográfico como fundamento estruturante; 2) interesse pelo caráter e psicologia nacional; 3) valorização da mestiçagem como gênese do ser brasileiro e critério diferenciador do sistema literário nacional ainda em formação. A partir de agora, o ponto crucial para o entendimento da visão de Romero sobre o progresso do sistema literário brasileiro, como buscaremos ver a seguir, fundamentou-se em dois eixos principais: 1) crítica à imitação europeia; e 2) valorização ao momento em que o sistema literário nacional assumiu cor local, no Romantismo. A *História* acompanha, assim, essa metamorfose, em que a literatura brasileira avança rumo à sua independência literária através da transição da imitação e macaqueamento à emulação e originalidade. Romero ironicamente chama de macaqueamento a prática da cópia caricatural, da reprodução malfeita, da imitação ordinária.

O caráter de nacionalidade literária, de acordo com o método etnográfico adotado por Silvio Romero, “não se inventa, mas nasce espontaneamente e se manifesta literariamente mesmo contra a vontade dos escritores” (ABDALA JUNIOR, 2008, p. 81), pois o nacional está imbricado na mestiçagem. Na construção de uma historiografia cultural, “teia espessa de valores vividos” (BOSI, 2002, p. 30), é Romero a afirmar, logo no Prólogo à 2ª edição, estar interessado, em primeiro lugar, “que se aproveitem os elementos nacionais” (ROMERO, 1902, p. 22, tomo I), criticando a “mania de

macaquear” (ROMERO, 1902, p. 21, tomo I), sob a qual o sistema literário nacional vinha se fundamentando.

Ao refletir sobre a nacionalização da literatura, Romero destaca os prenúncios da emancipação literária brasileira, defendendo seu próprio método e afirmando que “a verdade e o patriotismo foram os meus guias. [...] Independência literária, independência científica, reforço da independência política do Brasil, eis o sonho de minha vida” (ROMERO, 1902, p. 26, tomo I). E finaliza: “inspirei-me sempre no ideal de um Brasil autônomo, independente na política e mais ainda na literatura. D’esse pensamento inicial decorreram todas as minhas investidas no domínio das letras” (ROMERO, 1902, p. 24, tomo I).

Ao refletir sobre a formação do “Brasil Nação-Estado” (BOSI, 2002, p. 12), Alfredo Bosi afirma que este foi projeto de uma classe privilegiada regente de um programa que visava constituir bases nacionalistas no Brasil. Tal perspectiva, ordenadora do passado colonial nacional, atribuiu o que Bosi (2002, p. 11) nomeou de valor-nação ou valor-povo como critério-guia de obras de arte, critério o qual as historiografias literárias buscaram valorizar. Afirma Bosi (2002):

À medida que os ideais de liberdade e progresso foram penetrando a ideologia corrente, a historiografia da cultura se pôs a medir autores e obras pelo metro da sua maior ou menor adesão a esses valores. Nação primeiro, progresso depois, às vezes agregados, serão os motores e os cânones por excelência da historiografia que predominou ao longo do século XIX. (BOSI, 2002, p.11)

Nesse sentido, o Romantismo atua, então, como o movimento que delineia esse ideal de independência literária, posto que a consciência de arte literária promovida pelo período romântico afirma-se por meio de um sentimento íntimo nacional. O Romantismo teve a originalidade como pressuposto principal, por isso a ideia de imitação, tão criticada por Silvio Romero, é abandonada ou imiscuída no período romântico brasileiro.

Ao lermos a *História da literatura brasileira* de Romero, o autor parece notar que a independência literária se fundamenta justamente na transição da imitação à emulação. Nesse sentido, ultrapassar a técnica de imitação acrescentando a ela uma contribuição própria, atribuindo subjetividade, é a estratégia de onde resulta a emulação.

De maneira geral, no período colonial, a literatura no Brasil reflete e imita, principalmente, a literatura portuguesa. Sobre esse momento, Romero critica a manutenção da “velha mania da *europaolatria*, que envolve dois grandes despropósitos,

a subserviência em imitar tudo que no velho mundo se faz, e a vaidade de querer parecer bem ali” (ROMERO, 1903, p. 153, tomo II, grifo do autor).

Para Romero, só há literatura quando há o adensamento das relações, isto é, quando a escrita se desenvolve a um ponto tal em que se efetivam: um campo temático comum; autores que leem as produções uns dos outros; a circulação da produção literária; e a divulgação dessas mesmas produções. Nesse sentido, tal adensamento ganha volume a partir dos ares de revolução e liberdade preconizados pelo Romantismo. O autor, assim, reconhece certa contribuição do Romantismo para a literatura brasileira. Segundo o autor, tal período literário representou o “predomínio da imaginação, o principado da fantasia” (ROMERO, 1903, p. 3, tomo II), tendo como maiores feitos, ainda em sua visão, “a nativização, a nacionalização da poesia e da literatura em geral” (ROMERO, 1903, p. 6, tomo II).

O Romantismo representa, desse modo, um momento de transição à independência literária, posto que “as ideias revolucionárias abalaram os tronos, entraram pela literatura a dentro e desconcertaram as poentas cabeleiras clássicas. Houve um grande acordar para a vida, a liberdade penetrou em todos os recessos do pensamento” (ROMERO, 1903, p. 4, tomo II). Para Silvio Romero, na seara dessa liberdade preconizada pelo Romantismo estavam contidos os progressos que levariam ao adensamento e à formação da literatura brasileira. Define o autor que:

O romantismo foi, pois, uma mudança de método na literatura; foi a introdução do princípio da relatividade nas produções literárias; foi o constante apelo para o regime da historicidade na evolução da vida poética e artística. Daí a liberdade, a generalidade de suas criações; ela descentralizou as letras; nacionalizou-as n’uns pontos, provincializou-as n’outros, individualizou-as quase por toda a parte. N’este sentido largo o romantismo é a literatura do presente e pode-se dizer que será a do futuro, não passando os sistemas de hoje de resultados necessários seus. Foi a reforma nas ciências do espírito, a reforma dos métodos históricos, que influiu imediatamente na literatura (ROMERO, 1903, p. 7, tomo II)

A princípio, em sua *História*, Romero aborda o Romantismo em geral, citando Balzac, Hugo, Byron, por exemplo. Finalmente, ao focalizar produções românticas nacionais, o autor, após longas páginas a analisar a produção poética de Porto Alegre (1806-1879) e de Gonçalves de Magalhães (1811-1882), a par de duras críticas a seus trabalhos, Romero destaca suas contribuições na construção de um conceito de literatura

nacional brasileira. Afirma Romero que, ainda que o valor estético da produção desses dois autores não seja tão elevado, tais autores são “superiores como tentativa de nacionalização da poesia” (ROMERO, 1903, p. 47, tomo II). Romero utiliza bastante a expressão “temperamento literário” (p.e. ROMERO, 1903, p. 58; 113; 250; 354; 652; 653, tomo II) para denotar uma certa aptidão para a escrita literária, posto que muitos escritores de então exerciam outras funções profissionais. Sobre isso, vejamos o parágrafo a seguir:

Já tenho afirmado cinquenta vezes que um *caráter nacional* não se decreta nem se fabrica, é produção espontânea. Já disse também trinta vezes que a simples escolha do assunto não é garantia da *índole nacional* na poesia. O *nacionalismo* não é uma questão exterior, é um *fato psicológico*; nem é uma questão de ideias, é uma formação demorada e gradual dos *sentimentos*. A *evolução das emoções* é muito mais lenta do que a das ideias; é por isso que um *caráter nacional*, que é uma espécie de expoente da *alma de um povo*, é um produto do tempo, um produto da história. (ROMERO, 1903, p.48, tomo II, grifos meus)

Com o objetivo de perceber algumas características da escrita romeriana, a partir dos grifos destacados no excerto acima, a seguir buscaremos aplicar neste breve estudo o método da descrição densa, desenvolvido a partir das pesquisas do antropólogo Clifford Geertz (2008), no escopo da pesquisa etnográfica. O método de análise de Geertz, prevê um abandono à superficialidade, pois, como afirma a pesquisadora Francine Bordin, “quanto mais densa é a descrição, mais meios o antropólogo possui para legitimar suas teorias” (BORDIN, 2013, p. 4). O método da descrição densa representa a passagem da descrição superficial e mecânica para uma compreensão real que os sentidos possuem numa determinada cultura, na medida em que visa proporcionar uma compreensão mais aprofundada das estruturas de significado implicadas nas relações socioculturais.

Com isso à vista, e retornando ao parágrafo supracitado, é possível destacar um conjunto de signos determinantes de campos semânticos próprios ao projeto historiográfico de Romero. Num período de afirmação à independência nacional, a centralidade do termo imitação, repudiando-o, tem como princípio um afastamento a moldes europeizantes, pois a independência literária era mais uma forma de se afirmar a independência nacional. Para tanto, valorizava-se a produção literária com contornos de brasilidade. Por isso mesmo, termos como “caráter nacional”, “índole nacional” e “nacionalismo” surgem a todo momento na *História*. Nota-se também que esses

contornos de brasilidade, para Romero, são fruto de produção espontânea. Adepto a teorias de darwinismo social e de mestiçagem cultural, outro campo semântico que se destaca é formado por termos como “fato psicológico”, “sentimentos”, “evolução das emoções”, “alma do povo”, todos simbolizantes de uma gênese de um sistema literário nacional que se queria independente. Sobre isso, Abdala Junior (2008) afirma que:

a ideia de sistema em Sílvio Romero [...] é genérica: os campos científicos formam sistemas, isto é, conjuntos ou totalidades de objetos, reais ou ideais, que se articulam entre si. A energia que os leva a se desenvolver teria por base motivações raciais e poderiam ser impulsionados pela cultura, ocorrendo para ele analogias de situação entre o que ocorria na biologia e nas esferas da cultura. (ABDALA JUNIOR, 2008, p. 63)

Há de se destacar, ainda sobre o parágrafo da *História* (ROMERO, 1903, p. 48, tomo II), o uso de uma estratégia que parece denotar certo aborrecimento e enfado, como se ao dizer “tenho afirmado cinquenta vezes” / “já disse também trinta vezes”, Romero zombasse dessa necessidade constante de explicar o óbvio. Há outros momentos em que o autor assim o faz, como abaixo destacado:

Há vinte maneiras diversas de estudar e apreciar um escritor. Podem-se procurar as relações gerais que ele teve com a cultura de seu tempo, mostrando o que lhe deveu e em que a adiantou; podem-se, em dadas circunstâncias, indagar o que fez e o que representa na evolução intelectual de seu país; pode-se-lhe desmontar o espírito, procurando os elementos que o constituíram e qual a tendência que n’ele predominou. N’esta investigação deve-se apontar a ação do meio físico social, a parte da *natura* e a parte da *cultura*, insistir nos elementos hereditários acumulados na raça, e os elementos novos provenientes da *educação* científica. Pode-se-lhe fazer apenas uma apreciação estética, a definição do gênero em que figurou; pode-se fazer a pintura de seus modos, sestros, impulsos e tics, quadro fisiológico. Pode-se desfiar o encadeamento normal de suas ideias, quadro psicológico. Pode-se fazer a simples crítica impressionista, dizendo o gênero e a índole das emoções que desperta. Pode-se, que sei eu limitar a gente a apontar simplesmente suas obras e o conteúdo geral d’elas, ou tomar outro caminho qualquer. (ROMERO, 1903, p. 160, tomo II, grifos do autor)

Nota-se no excerto acima que Silvio Romero cria um manual de sugestões didáticas para a produção de uma história da literatura, algo como um guia de crítica. Destaco, novamente, o trecho, posto que nele o autor reforça alguns dos princípios norteadores de sua investigação: “N’esta investigação deve-se apontar a ação do meio físico social, a parte da *natura* e a parte da *cultura*, insistir nos elementos hereditários acumulados na raça, e os elementos novos provenientes da *educação* científica”.

Sobre a escolha dos autores a constar em sua *História da literatura brasileira*, Romero justifica que “o meu fito não é escrever um ‘dicionário biográfico’ de brasileiros ilustres; não tenho inclinações para o gênero. Meu fim é fazer a história do pensamento brasileiro, individualizado, encarnado nos seus mais dignos *representative men*” (ROMERO, 1903, p. 103, tomo II, grifo do autor). Nesse sentido, ao falar sobre José de Alencar e de Gonçalves Dias, por exemplo, Silvio Romero destaca-os como ilustres e principais talentos nacionais, por não imitarem moldes portugueses, por exibirem uma “patriótica empresa de, evitando os exclusivos moldes portugueses, dar cores próprias à nossa literatura” (ROMERO, 1903, p. 157, tomo II). Sobre o recorte de Silvio Romero, afirma Abdala Junior (2008):

excetuando-se o primeiro volume da História e abstraídas as premissas gerais preestabelecidas, o que aparece é uma série de julgamentos funcionais ou mesmo utilitaristas sobre a contribuição do escritor para o que ele considerava progresso da cultura pátria. São esses (poucos) indivíduos –homens representativos, de cada momento histórico, isto é, personalidades literárias criativas que se destacaram de um contexto amorfo, que acabaram por simbolizar e dar sentido a uma época. (ABDALA JUNIOR, 2008, p. 65-66)

A discussão sobre a nacionalidade ou as marcas do nacional na literatura brasileira nos levaria ainda a muitas outras leituras. Na *História*, entre inúmeras questões, Silvio Romero pensa que a existência de uma literatura nacional se dobra ao adensamento da literatura, em outras palavras, seria necessário que escritores começassem a ler-se uns aos outros, além de que houvesse bibliotecas e um público-leitor geral dessas produções. Sem dúvidas, a *História da literatura brasileira*, representa ainda hoje material intelectual de suma importância aos estudos de crítica literária. Ainda assim, sua contribuição para as gerações futuras não deve ser sinônimo de anulação da postura, muitas vezes, racista manifestada pelo autor.

Mesmo que o método etnográfico aplicado por Romero seja compreensível e coadune com o pensamento de uma época, há de se notar as ausências de mulheres autoras e de escritoras/es negras/os entre os nomes selecionados. Num tempo como o nosso, em que o termo nacionalismo assume contornos ufanistas, uma história da literatura hoje necessitaria de um olhar antropológico, e não de um reforço ao privilégio e à nacionalidade, searas estéreis do ponto de vista do desenvolvimento literário. É

necessário, portanto, rever os critérios formadores do cânone, assim como repensar o próprio conceito do termo.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. A História da Literatura Brasileira, de Sílvio Romero. *Veredas*, n. 10, p. 57-85, 2008. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/130>

BORDIN, Francine B. Algumas Considerações sobre a Descrição Densa e o Trabalho Etnográfico e Antropológico. *P@rtes*: São Paulo, Abril de 2013. Disponível em: <https://www.partes.com.br/2013/04/02/algumas-consideracoes-sobre-a-descricao-densa-e-o-trabalho-etnografico-e-antropologico/>

BOSI, Alfredo. Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária. In: BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002 [1976], p. 7-54.

CANDIDO, Antonio. *O Método Crítico de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre azul, 2006.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008 [1978], p.3-21.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: H.Garnier, 1902 [1888]. 2ª ed. Tomo I.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: H.Garnier, 1903 [1888]. 2ª ed. Tomo II.

Recebido em: 01/05/2022

Aceito em: 12/11/2022

ⁱ Neste trabalho utilizamos a 2ª edição, tomos I e II, datados de 1902 e 1903, respectivamente. Quando necessário, foi feita a adaptação à ortografia atual, em atendimento ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990). Todos os significados originalmente propostos pelo autor foram preservados.

ⁱⁱ Sílvio Romero é citado ao lado de Araripe Júnior (1848-1911) e José Veríssimo (1857-1916).